

Economia supera as expectativas, no trimestre o crescimento foi de 1,8%

por Michael Prowse
do Financial Times

A economia norte-americana cresceu à taxa anual de 1,8% no segundo trimestre deste ano, quase duas vezes mais do que esperava a maioria dos analistas de Wall Street, segundo dados revisados, do Departamento do Comércio, divulgados ontem.

As autoridades anunciaram também a maior revisão em vinte anos das estimativas anteriores de crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB). Os novos números mostram que o crescimento real da economia foi de 3,9% ao ano, até o quarto trimestre de 1992 — um período em que o então candidato à Casa Branca, Bill Clinton, tirava proveito do suposto fracasso da política econômica do ex-presidente George Bush.

Os analistas previram crescimento (anualizado) de apenas 1% no segundo trimestre, depois da divulgação de resultados comerciais inesperadamente fracos em junho. Mas o impacto dos números comerciais foi mais do que contrabalançado pelas revisões para cima dos gastos dos governos federal, estaduais e locais e por um aumento maior do que o esperado

NÚMEROS DO PIB NORTE-AMERICANO (Valores do trimestre em US\$ trilhões e taxa anual)			
	2º trim. revisado	2º trim. anterior	1º trim.
PIB nominal	6,32	6,20	6,26
% de crescimento real	4,2	4,0	4,4
PIB real	5,10	5,02	5,07
% de crescimento	1,8	1,6	0,8
Vendas finais	5,08	5,01	5,04
Variações dos principais componentes do PIB (%)			
Consumo pessoal	3,2	3,8	0,8
Pedidos de bens duráveis	10,8	14,2	-1,3
Pedidos de bens não-duráveis	2,6	2,4	-2,1
Serviços	1,7	2,2	3,1
Invest. fixo não-residencial	14,4	13,3	14,4
Construção	6,4	4,8	0,5
Invest. fixo residencial	-8,4	-9,5	1,5
Export. de bens/serviços	4,8	6,7	-2,4
Import. de bens/serviços	13,1	5,7	11,6
Compras do gov.	4,3	0,2	-6,4
Federal	3,1	-3,0	-16,2
Nac. defesa	2,0	-1,5	-21,4
Não-defesa	5,9	-6,3	-3,2
Estad. e locais	5,0	2,3	0,3
Deflador de preços implícitos	2,3	2,6	3,6
Índice de peso fixo	-	2,6	-

nos estoques das companhias.

A composição do crescimento foi animadora: os gastos dos consumidores e o investimento das empresas aumentaram 3,2% e 14,4% respectivamente (taxas anuais).

A taxa anual de crescimento real do PIB foi de 0,8% no primeiro trimestre, quando os consumidores se retrairam, depois de uma orgia de compras no final do ano passado — quando o PIB registrou ex-

panção (anual revisada) de 5,7%, a maior desde 1987.

Os números relativos à confiança dos consumidores, divulgados, ontem, não mostraram nenhum progresso em agosto, apesar da aprovação do orçamento do presidente Clinton, que acabou com as incertezas sobre as futuras alíquotas fiscais.

O índice, compilado pela Conference Board — indicador observado com muita atenção — registrou 59 pontos em agosto, como em

julho, mas bem abaixo da marca de 100 ou mais, que seria normal numa recuperação robusta.

Fabian Linden, da Conference Board, disse que a confiança dos consumidores “perdeu 18 pontos e isso é desconcertante”, desde o princípio do ano. O número dos entrevistados que temem a deterioração das condições econômicas aumentou constantemente. Na última pesquisa sobre os consumidores não houve nenhum sinal de uma aceleração iminente do crescimento econômico, disse.

A maioria dos economistas do setor privado ainda está porém prevendo uma reativação do crescimento no segundo semestre, a uma taxa anual de 2,5% a 3%, como um reflexo do efeito estimulante das recentes reduções das taxas de juro a longo prazo.

As revisões do PIB equivaleram a uma nova redação da história econômica. Os novos números sugerem que a recessão de 1990 e 1991 foi suave, considerando que o PIB caiu apenas 1,6% desde o pico até seu ponto mais baixo, e não 2,2%, como se pensava anteriormente. A recuperação subsequente foi mais forte: o PIB cresceu a uma taxa média anual de 2,4% e não de 2%.